

---

# LER MUITO PRAZER

---

## A festa da leitura

---

MARIA HELENA R. LARANJEIRO DA CUNHA

Conheço o sabor da leitura, o amor pelo livro e o prazer de o descobrir página a página.

O livro, esse objecto de eleição, esse companheiro, esse amigo.

Raramente um livro me desiludiu. Não me refiro aqui ao conteúdo, que esse depende do gosto ou do momento. Falo, sim, do objecto que segura o texto.

Já li livros que se me partiram ao meio, com um estalido de cola seca.

Mas perdoei. Quando se lê na cama segura-se mais facilmente meio livro.

Outros li que teimaram em dificultar-me a leitura ao deixarem transparecer o texto da página contrária.

Também perdoei pelo gozo de descobrir palavras ou encontrar sentidos.

Outros ainda, não me transportaram à floresta e ao cheiro das árvores.

Perdoei à mesma, pensando em qualquer erro de reciclagem ou de não reciclagem, e li-os mais de longe.

Mas um livro que me negasse o texto, um livro que «resmungasse» ao virar das páginas, e, para cúmulo, um livro que, a cada passo, me fizesse tropeçar em gralhas, esse encontrei-o hoje pela primeira vez.

E não foi por má vontade minha, por não ter sido eu a escolhê-lo, já que veio até mim, como a muitas outras mãos, num gesto gratuito e bem intencionado.

Também não deve ter sido má vontade dele, diminuído, por esta noite não ter sido eleito entre muitos. (Na minha mesa-de-cabeceira havia apenas dois livros: um de contos e um de poesia. Sendo o momento de alguma inquietude, preferi enredar-me nos contos.)

Indesculpável descuido e esquecimento do respeito que é devido ao texto e a quem o escreve e o lê, foi com certeza.

A verdade é que esta madrugada, em hora de tardia insónia, o livro que escolhi traiu a minha confiança, defraudou a minha necessidade de evasão e privou-me de uma almejada companhia.

Não demorei na capa, que não me seduziu, para entrar de imediato em luta com os grafos que, em vez da dócil linha, não deixavam que o livro se me abrisse.

Sem forçar demais, espreitei o sumário (a que chamaram índice), escolhi a Agustina e fui em busca da respectiva página. Não ouvi a doçura do virar das folhas. O papel estalejou arranhando o silêncio e os agrafos de novo se viraram contra mim, teimando em não me revelar o texto.

Antes de cada novo voltar de página eu interrompia a leitura sobressaltada na iminência de ouvir de novo ferido o silêncio.

E até o sossego que gozava entre cada duas páginas era perturbado pela sensação de não estar mergulhada numa leitura amena, mas na meticulosa tarefa de corrigir provas: erros, falta de palavras, palavras a mais, teimavam em me arrancar da trama, obrigando-me a assinalá-las, numa imperiosa necessidade de deixar visível o testemunho de uma tal violência.

Não li por muito mais tempo.

O texto estava demasiado mal vestido para se apresentar na festa da leitura!

Braga, Janeiro 2001.

[*Diário do Minho*. Braga. 2001.11.21]